

HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA: PERSPECTIVA CULTURAL ACERCA DE DIZERES BÍBLICOS¹

Daniel Celestino Leidens²

Liana Maria Feix Suski³

Resumo: Atualmente muito tem-se falado em homofobia, em preconceito e em aceitação da condição de homossexual, assuntos estes que acabam por revelar que a intolerância permeia na sociedade, exigindo respostas contundentes. Nesse viés, este trabalho tem o objetivo de discutir sobre a homossexualidade e a homofobia numa perspectiva cultural acerca de dizeres bíblicos que, equivocadamente vem sendo interpretados. Inicialmente, conceitua-se a homossexualidade e a homofobia, apontando os motivos pelos quais os indivíduos agem preconceituosamente. Traz-se, ainda, trechos bíblicos utilizados para condenar homossexuais, mostrando a errônea interpretação destes que na verdade nada dizem sobre a homossexualidade, nem mesmo sobre Deus abominar esta prática. E, por fim, fazer entender que é necessário a individuação do homossexual para construção de sua identidade que ajudará no próprio autoconhecimento do indivíduo. Este artigo está pautado em bibliografias sobre o tema em questão, sendo utilizado como método de abordagem o dedutivo, método de procedimento histórico-analítico e a técnica de pesquisa documental indireta.

Palavras-chave: Cultura; Bíblia; Homofobia; Homossexualidade.

Abstract: Much has been said about homophobia, prejudice, and the acceptance of the homosexual status, which reveals that intolerance permeates society, demanding strong responses. In this bias, this work aims to discuss about homosexuality and homophobia in a cultural perspective about biblical sayings that are mistakenly being interpreted. Initially, we conceptualize homosexuality and homophobia, pointing out the reasons why individuals act biased. There are also biblical excerpts used to condemn homosexuals, showing the erroneous interpretation of these that do not really say anything about homosexuality, not even about God abhorring this practice. And finally, to make it understandable that it is necessary the individuation of the homosexual to construct his/hers identity that will help in the own self-knowledge of the individual. This article is based on bibliographies on the subject in question, using the deductive method of approach, historical-analytical method of procedure, and indirect documentary technique of research.

Key words: Culture, Bible, Homophobia, Homosexuality.

INTRODUÇÃO

¹ GT 06: Direito, Cidadania e Cultura.

² Discente do Curso de Graduação em Direito pela FAI Faculdades. Bolsista do Programa de Iniciação Científica da FAI Faculdades de Itapiranga, SC, no projeto intitulado “Gênero e Diversidade sexual: Questão de Respeito e Igualdade”. Pesquisador Responsável pelo Grupo de Estudo “Mediação e resolução de conflitos: do diálogo ao exercício da cidadania”. E-mail: daniel.leidens@yahoo.com.br

³ Doutoranda (2017-), Mestre (2012) e Bacharela (2009) em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus de Santo Ângelo, RS. Professora e coordenadora do NUPEDIR – Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito da FAI Faculdades de Itapiranga, SC. Membro do Grupo de Pesquisa registrado no CNPq Tutela dos Direitos e sua Efetividade. Professora orientadora do Programa de Iniciação Científica da FAI Faculdades de Itapiranga, SC, no projeto intitulado “Gênero e Diversidade sexual: Questão de Respeito e Igualdade”. Coordenadora do Grupo de Estudo “Mediação e resolução de conflitos: do diálogo ao exercício da cidadania”. E-mail: lianasuski@gmailhotmail.com

O artigo em questão procura trazer à tona uma reflexão acerca do que a Bíblia narra sobre a homossexualidade. Este estudo não se atém apenas nessa interrogação, mas na propagação homofóbica de dizeres bíblicos para condenar homossexuais. Pronunciamentos estes que são interpretados de forma errônea e sobretudo sem uma contextualização. Essas questões evidenciam que o escopo basilar deste estudo incide em reflexões culturais do mundo bíblico, da homossexualidade e da homofobia resultante de uma sociedade tradicional que insiste em não querer entender a homossexualidade.

O desígnio aqui é revelar a verdadeira interpretação acerca dos dizeres bíblicos. Logo, para isso é necessário entender quem são os homossexuais em meio a uma sociedade regida por parâmetros heterossexuais e não menos importante fazer entender que a homossexualidade não é uma opção aonde se tem a escolha de sentir-se atraído por pessoas do mesmo sexo, nem mesmo de sofrer preconceito em relação a isso.

Necessário se faz trazer à tona, também, quem são os homofóbicos, apresentando uma conceituação e como são conhecidos desde os primeiros tempos da sociedade, mostrando os reais motivos para que ajam assim, correlacionando-os com a tradição patriarcal que fora construída e fundamentada em uma posição hierárquica do homem heterossexual em relação ao “diferente”.

Ao final, traz-se uma reflexão da necessidade de aceitação, não apenas dos heterossexuais quanto ao respeito, mas a aceitação dos próprios homossexuais quanto a sua condição, fazendo saber que há uma indigência de individualizar-se, não de individualizar-se, no sentido de encontrar-se consigo mesmo, sem precisar negar-se. Assim, a grande questão aqui abordada é a cultura construída para não aceitar o que é “diferente”, fruto da ignorância decorrente da falta de conhecimento.

Este estudo é de cunho bibliográfico, relacionando especificamente os conceitos de homossexualidade e homofobia numa perspectiva cultural acerca de dizeres bíblicos. Para construção do texto, foram utilizados como método de procedimento o dedutivo, método de procedimento o histórico-analítico e a técnica de pesquisa documental indireta.

2 HOMOSSEXUALIDADE

Quando o assunto é a homossexualidade, a primeira incógnita que surge é certamente o que seria a homossexualidade no sentido literal da palavra. Imediatamente o pressuposto que vem à mente é que a homossexualidade é uma infinita variação de coisas, sentimentos e amores.

Praticamente em todo o mundo a questão da homossexualidade divide opiniões. No senso comum, há quem diga que é uma prática imoral e outros que afirmam ser uma variação natural da sexualidade humana. No Brasil não é diferente, parte da população acredita que os homossexuais nascem assim e que por isso seria uma condição e não uma opção, mas, por outro lado, vê-se que a população parece convencida de que não há como mudar a orientação sexual, portanto, quem nasce homem, deve ser “homem” e quem nasce mulher deve ser “mulher”. (SOARES, 2008)

A homossexualidade, segundo Soares (2008), não é apenas um ato sexual praticado entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, conceitua-se como o indivíduo que sente atração sexual e mantém relações emocionais com pessoas do mesmo sexo, ainda que nunca tenha tido relações sexuais com alguém. Outrossim, é chamado de homossexual um homem, ou uma mulher, que cujos sentimentos sexuais e românticos são despertados involuntariamente por indivíduos do mesmo sexo.

Ajuda na compreensão deste fenômeno saber sobre a conceituação do vocábulo “homossexualidade” que tem origem na palavra grega *homo* e pela palavra latina *sexus*. *Homo* denota semelhança e *sexus* é a formação corpórea do masculino e feminino biologicamente. Neste contexto, a homossexualidade exprime a ideia de semelhante, análogo, ou até igual, podendo ainda ser considerado como a sexualidade exercida com pessoa do mesmo sexo. (HAHN; AIMI, 2010)

Interessante destacar que na história humana sempre existiram pessoas homossexuais, entretanto, a porcentagem sempre foi menor que de heterossexuais. Partindo desse ponto, conforme afirmam Hahn e Aimi (2010), sabe-se que os homossexuais nem sempre foram tratados com desigualdade ou considerados como marginais, mas que essa cultura eclesiástica que se impôs nos últimos anos é que trouxe a motivação ao preconceito introduzindo práticas de homogenitalidade³ não condizentes com as de homossexualidade abarcadas na contemporaneidade.

³ Ato sexual entre pessoas do mesmo sexo considerado para os judeus como homogenitalidade.

Outra questão que se quer esclarecer é a tese de que a homossexualidade não é uma opção e sim uma condição. Grande parte da população ainda com uma avelhantada concepção preconceituosa associa o fato de gostar de uma pessoa do mesmo sexo como uma atividade promíscua, afirmando que não passa de uma mera opção. (OLIVEIRA JUNIOR; MAIO, 2013)

No que se refere a tendência sexual, que começa a se mostrar na infância por volta dos 7 anos de idade, pesquisadores como Oliveira Junior e Maio (2013) alegam que este argumento, por si só, é suficiente para afirmar a sexualidade não pode ser tratada como uma opção. Ou seja, o termo opção não é adequado visto que com esta idade a criança ainda não tem uma capacidade avaliativa de fazer tal “escolha”. O que ocorre é que nesta fase as crianças tendem a se juntar com aquelas cujo sexo irão se identificar psicologicamente, logo, se estas não têm a fisiologia das demais tendem a ser excluída e discriminada pelas outras.

Há alguns anos a ciência vem estudando esta causa e afirmando que a homossexualidade é derivada de questões genéticas e que isso não significa obter uma doença, mas uma alteração no gene que leva o indivíduo a nascer assim. Nesse sentido, percebe-se que não há como escolher a sexualidade, a única opção é de assumi-la ou não. (OLIVETO, 2015)

Deste modo, a orientação sexual é defendida como uma:

Atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num *continuum* que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade. (BRASIL, 2004, p. 29)

Nessa acepção é importante frisar que a homossexualidade não é uma opção, mas uma condição. As pessoas não detêm sua sexualidade simplesmente porque querem ser assim, mas porque são assim, porque nasceram assim, do mesmo modo que ninguém escolhe a cor dos olhos quando nasce, da mesma maneira que ninguém escolhe a cor da

pele ou do cabelo, assim como também não há como escolher nascer homem ou mulher. A escolha é aceitar a condição ou viver uma vida de sofrimento. (GRECCO, 2017)

3 HOMOFOBIA

Para se compreender melhor a questão da homofobia fundamentada nas concepções bíblicas faz-se necessário assimilar o seu conceito que não se reduz apenas na rejeição e antipatia em analogia a gays e lésbicas, mas a manifestação de rotular o homossexual como antagônico, atípico ou inferior. (NUCCI; RUSSO, 2008)

Há muitos anos a homossexualidade foi tida como doença, comportamento pecaminoso ou como um pecado contra a natureza. Mas o que se deve conceituar é o indivíduo cujas ações reprimem o “diferente”, pois dê a antiguidade os homossexuais, assim como negros, judeus e estrangeiros eram considerados como diferentes que não mereciam fazer parte da sociedade. (NUCCI; RUSSO, 2008)

De tal modo, a homofobia pode ser definida como uma aversão irreprimível, ódio, medo ou, ainda, como preconceito nutrido contra homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais. Muitas vezes essa comiseração repugnante é derivada de um sentimento não definido sobre sua própria identidade sexual, visto que isso acaba por gerar dúvidas e revoltas que são transferidas para aqueles que já se individuaram sobre suas preferências sexuais. (LIONÇO; DINIZ, 2009)

Nesse viés, para os mesmos autores,

A palavra ‘homofobia’ designa dois aspectos de uma mesma realidade: uma dimensão pessoal de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição aos homossexuais, e uma dimensão cultural de natureza cognitiva, na qual o objeto da rejeição não é o indivíduo homossexual, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 19)

Na dimensão cultural, portanto, a homofobia pode ter sua causa com base nos costumes, bem como, na religião. Epistemologicamente a palavra “homofobia” é derivada do termo *homo* que vem de “igual” e pelo termo “fobia” que se traduz em “medo”. Logo, quem pratica a homofobia é apontado como homofóbico e, importante frisar, que a raiz do comportamento homofóbico teve início na idade média, quando a dominação de tudo

passou a ser a Igreja que condenava qualquer tipo de relacionamento homossexual. (LIONÇO; DINIZ, 2009)

Em muitos casos a homofobia parte do próprio homossexual quando do processo de negação de sua sexualidade chegando a construir uma família ou até nunca assumir sua identidade. Esta forma de homofobia, segundo os autores Pereira e Leal (2002), é chamada de internalizada, visto que parte de uma negação de sua própria condição, podendo se perceber que a pessoa não gosta de si mesma pelo simples fato de ser homossexual devido a carga negativa que assimila dès da infância. Observa-se que antes a pessoa só escondia sua verdadeira sexualidade, mas agora passou a odiá-la. Um ódio tão grande de destruição que parte de uma força psíquica da mente em querer destruir o outro, pois a ele incomoda.

Dessa forma, é possível concluir que existe uma reunião de conceitos negativos sobre a homossexualidade difundidos na mente da pessoa, de tal modo que o que a sociedade diz que é anormal, fica incorporado no inconsciente, gerando sentimentos e atitudes autodestrutivas, processo esse que não se dá de um dia para o outro, mas gradativamente ao longo do tempo.

No que diz respeito aos hábitos encontrados no seio social, identificam-se ações preconceituosas, não concordantes com esta condição sexual, pois assovios, cantos e o bater de palmas quando a pessoa passa em determinado local caracterizam a intolerância e a não aceitação destas pessoas, inclusive negando seus direitos. Seguem os autores, afirmando que a homofobia pode ser praticada por meio de piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo, bem como, por meio da injúria e insultos cotidianos, podendo, inclusive, revestir-se de formas brutais, decorrentes de atitudes irracionais, derivadas de conflitos individuais, chegando à exterminação. (LIONÇO; DINIZ, 2009)

Ainda, pode-se afirmar que essa repugnância decorre de reivindicações onde se mostra a equivalência à heterossexualidade, logo, a homofobia é o medo de que essa equivalência seja reconhecida, igualmente demonstrada pela angustia ao desaparecimento da hierarquia da ordem heterossexual que culturalmente foi considerada fundamental. (LIONÇO; DINIZ, 2009)

Nesse sentido, o livro “Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio”, caracteriza:

No cerne desse tratamento discriminatório, a homofobia tem um papel importante, dado que é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, que confere à heterossexualidade um status superior e natural. Enquanto a heterossexualidade é definida pelo dicionário como a sexualidade (considerada normal) do heterossexual, e este, como aquele que experimenta uma atração sexual (considerada normal) pelos indivíduos do sexo oposto, a homossexualidade, por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade. Nos dicionários de sinônimos, a palavra ‘heterossexualidade’ nem sequer aparece; por outro lado, androgamia, androfilia, homofilia, inversão, pederastia, pedofilia, socratismo, uranismo, androfobia, lesbianismo, safismo e tribadismo são propostos como equivalentes ao termo ‘homossexualidade’. E, se o dicionário considera que um heterossexual é simplesmente o oposto de um homossexual, são muitos os vocábulos que apresenta para designar esse último: gay, homófilo, pederasta, enculé bicha-louca, homo, bichona, bichinha, afeminado, bichavelha, maricona, invertido, sodomita, travesti, traveco, lésbica, gomorreia, tribade, sapatão, bi, gilete. (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 17).

Todavia, a homofobia é a manifestação de sexismo, ou seja, a revelação da discriminação em razão do sexo, bem como pelo gênero, caracterizando uma negação as definições e características que não correspondem ao que se considera ser tradicional, fruto do patriarcalismo que se construiu através de emoções, crenças, condutas e ideologias. (LIONÇO; DINIZ, 2009)

Portanto, “[...] o tratamento desigual sofrido pelos homossexuais é justificado por um mecanismo de dominação que consiste em ocultar as práticas discriminatórias advindas do grupo dominante e em evidenciar a ideia de uma ‘deficiência estrutural’ dos dominados” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 29)

Por fim, constata-se que a homofobia seria uma difusão psicológica, de um conflito mal resolvido consigo mesmo, aonde, nesse sentido, existe um ciúme inconsciente em relação aos gays, que são entendidos como livres do ideal masculino. Contudo, na impossibilidade cultural de facultar a realização de tais anseios, estes se decompõem em oposição aos indivíduos invejados, bem como, ao rejeitar a homossexualidade os homens heteros repelem a questão da homossexualidade masculina dita como feminilidade. (LIONÇO; DINIZ, 2009)

4 CULTURA DA HOMOFOBIA COM BASE NOS ENSINAMENTOS BÍBLICOS E A REAL INTERPRETAÇÃO

A homofobia é tão remota quanto a própria sociedade e não há como falar da mesma sem fazer referência a humanidade que dès de sua origem repele o amor e a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, considerando como o mais sujo e torpe pecado da história humana e que por causa dessa prática Deus penitencia a humanidade com pestes, inundações e terremotos. (MOTT, 2006)

Não há de que se admirar, quando ainda hoje cristãos atribuem a aids a uma penitência atribuída por Deus pela prática homossexual, bem como, em desfavor a revolução sexual, comprovando o quão arraigados os abismos da estupidez coletiva às abominações de Levítico, que reforçadas pela condenação à morte aos indivíduos amantes do mesmo sexo pagariam pelo pecado com pedradas e posteriormente com seus corpos lançados a incinerações. (MOTT, 2006)

A homossexualidade foi enclausurada por uma moral heterossexual rígida e condenada por interpretações errôneas de textos bíblicos. Nos anos de 1962 e 1965, conforme afirmarm Hahn e Aimi (2010), surgiram os primeiros escritos acerca da teologia da libertação e, na mesma época, movimentos gays estavam em alta, porém não tiveram destaques dentro da igreja cristã.

A construção desse modelo de não anuência e condenação do homossexual se dá especialmente pelo que era chamado de pecado de Sodoma, história computada pelo livro de Gêneses 19,1-14 quando foram enviados dois anjos à cidade de Sodoma com a intenção de confirmar se as ações e desempenhos dos habitantes correspondiam ao clamor de Deus. Estes ambicionavam calhar a noite na praça da cidade, logo, Lóh, residente efêmero ofereceu-lhes hospedagem, mesmo não sendo cidadão de Sodoma. (HAHN; AIMI, 2010)

Os homens e rapazes de Sodoma deram-se conta de que existiam visitantes adventícios na cidade e exigiram conhecê-los. Na Bíblia, segundo Helminiak (1998) “conhecer” as vezes denota “manter relações sexuais”, entretanto, naquela situação, Lóh não age com o intuito de conceder aos homens a permissão de incomodar seus hospedes. Contudo, na condição de estrangeiro Lóh não teria operado corretamente, visto que tão somente os cidadãos de Sodoma poderiam outorgar visitasões, bem como hospedar estranhos. Para evitar qualquer confusão Lóh, diante dos homens, ofereceu suas filhas virgens para que estes fizessem o que quisessem com elas. Mesmo não aceitando a proposto, os homens invadiram a casa de Lóh na intenção de saber quem seriam os

hospedes que lá estavam. Nesse momento, na visão bíblica, os anjos conseguiram fazer com que Ló rapidamente entrasse em sua residência e lançaram uma cegueira aos homens que ali estavam para que não encontrassem a porta de casa. Os anjos anunciaram que o senhor estava para destruir aquela cidade e que Ló e sua família deveriam mudar-se. No dia seguinte a família de Ló mandou-se para uma cidade vizinha e o senhor destruiu aquela cidade, deixando tudo a cinzas. (HELMINIAK, 1998)

Apesar de muitos entenderem o pecado de Sodoma como resultado da prática homossexual, nada tem a ver com isso. Alguns entendem que o pecado era pela falta ou indeferimento à hospitalidade, mas ao que tudo indica o pecado refere-se ao abuso, e é isso que Deus abomina, visto que esse foi o real motivo da destruição de Sodoma acrescido de ações que já vinham sendo praticadas por aquele povo.

Por isso é necessário mais uma vez reforçar que a avelhantada concepção disseminada e utilizada por indivíduos em favor da condenação homossexual, alastrando a tese de que o Pecado de Sodoma é resultante da prática homossexual não está correta, visto que não há qualquer preocupação com a homossexualidade e sim com o abuso, sexo forçado e imoderado pelo povo de Sodoma.

Outra errônea interpretação é a de Levítico acerca da abominação pela “impureza”. Neste livro, segundo afirmam Hahn e Aimi (2010) existem inúmeras leis e ordens conhecidas como o Código de Santidade e, duas dessas ordens, fazem referência a atividade homossexual, ou pelo menos é assim que se refere. Tanto uma quanto a outra proíbem a um homem que se deite com outro homem como se fosse mulher, pois isto seria abominação.

Para melhor entendimento, Helminiak (1998, p.69) explica:

Da mesma forma, a prática de atos homogenitais tinha um significado totalmente diferente. [...] o problema não era o sexo em si. Entre os antigos israelitas, assim como o Levítico o interpreta, praticar atos homogenitais significava ser como os gentios, era o equivalente a identificar-se como um não judeu. Isso quer dizer que a prática de atos homogenitais representava uma traição a religião judaica. O Levítico condena o sexo homogenital como um crime religioso de idolatria e não como uma ofensa sexual, e era esta traição religiosa que era considerada grave o suficiente para merecer a pena de morte.

Constata-se, assim, que o que se proíbe no livro é o ato sexual entre homens por razões religiosas e não sexuais, portanto, mencionar Levítico como resposta a tese ética

atual, que interpela se o sexo gay é errado constitui decodificar a Bíblia de maneira completamente errada. Visto que a intenção era apenas proibir os israelitas de participar da prática dos gentios, porque o sexo nesse sentido estava ligado a atividades pagãs, à idolatria. É importante deixar claro que a preocupação aqui era de preservar a identidade de um povo, jamais questionar sobre se o sexo entre homens ou entre mulheres é judicioso ou não. (HAHN; AIMI, 2010)

Ainda, utilizam-se questões da Carta aos Romanos para fazer jus a homofobia decorrente da total falta de conhecimento. Usa-se comumente para argumentar que a homossexualidade é pecaminosa, bem como antinatural decorrente da leitura de Rm 1,26-27. Nesse sentido, conforme a Bíblia, a palavra “natural” consiste naquilo que é comum e que se espera das pessoas, ou seja, que ajam conforme suas expectativas e demonstrem consciência, agindo naturalmente, pois se surpreenderem ou saírem da rotina estariam atuando de forma antinatural. (HAHN; AIMI, 2010) Esclarece-se:

Não há nestas palavras qualquer acepção indicando que as práticas estavam erradas ou eram contrárias a Deus ou iam de encontro a ordem divina da criação, nem que estavam em conflito com a natureza universal das coisas. Segundo o sentido que Paulo as emprega essas palavras dizem apenas que aquelas práticas eram diferentes daquilo que normalmente seria o esperado. Ao invés de ‘não naturais’, as palavras *para physin* em Romano seriam traduzidas de maneira mais precisa com ‘não usuais’, ‘peculiares’, ‘fora do comum’ ou ‘não características’. (HAHN; AIMI, 2010, p. 59)

Destarte, não há como se basear nesses argumentos para difusão de profecias que condenam homossexuais. Dessa forma, nota-se que o que sempre foi vulgarizado para a censura de homossexuais está inteiramente equivocado. De tal modo a literalidade bíblica não faz menção a homossexualidade e nem com correta interpretação dos seus textos é possível afirmar que a Bíblia assume posição acerca da moralidade dos atos homogenitais, a condição sexual ou sobre relacionamentos homoafetivos. (HAHN; AIMI, 2010)

5 SENTIMENTO DE ACEITAÇÃO E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

A orientação sexual começa a se manifestar a partir da infância, momento que surge o primeiro conflito: a ausência de modelos. Visto que a imagem que lhes é imposta pela sociedade é a de heterossexual, de casamento e filhos. Imposição essa que acaba por

reprimir o sujeito quanto a seus desejos, anseios e possibilidade de sua própria aceitação, bem como, livrar-se do peso da ocultação da identidade sexual. (HAHN; AIMI, 2010)

Tanto os homossexuais como os heterossexuais têm sua fase de descobrimento quanto a sexualidade. A maioria dos meninos nesta fase encontra modelos de inspiração em seus pais, ou em materiais pornográficos, entretanto os meninos homossexuais são ridicularizados quanto a seus sentimentos e ações que muitas vezes começam a se mostrar cedo demais, logo, essa ridicularização causa-lhes um conflito interno muito grande, silenciando assim suas perguntas e dúvidas quanto a sexualidade pelo medo e a vergonha que sentem ao tocar no assunto, receosos das chacotas e humilhações. (HAHN; AIMI, 2010)

O silêncio impede que o acesso a informações que poderiam auxiliar na construção de sua identidade. O diálogo, por sua vez, quebra o silêncio e é fator importante no desenvolvimento dessa identidade que está em conexão com os reais desejos e anseios vivenciados pelos homossexuais. Esta quebra de silêncio impulsiona a formação de uma consciência forte de sua corporeidade, surgindo um autoconhecimento de seu próprio corpo, aprendendo dessa forma a identificar suas diferenças e o momento certo de expô-las. (HAHN; AIMI, 2010)

Mas certamente nem todas as pessoas ao “sair do armário” conseguem ter consciência da sua diferença e construir sua própria identidade. A expressão “sair do armário” com certeza, tem uma expressividade diferente a cada indivíduo, visto que o primeiro passo é assumir-se homossexual e, ao mesmo tempo, entender que não são inferiores aos que tem práticas heterossexuais. (HAHN; AIMI, 2010)

Dessa forma, “Sair do Armário consiste num processo de individuação. Os homossexuais necessitam individuar-se, não individualizar-se no sentido de fechar-se sobre si. Individuar-se num processo de subjetivação é encontrar-se consigo mesmo sem precisar negar-se”. (HAHN; AIMI, 2010, p. 55)

Portanto, o ato de “sair do armário” é muito mais do que o simples feito de assumir-se perante a sociedade, mas de sentir-se livre, de não estar preso a nenhuma concepção que exija reprimir seus anseios, nem mesmo acorrentado a visões que dizem ser errado a prática homossexual como identidade de gênero. A individuação, nesse sentido, é compreender-se, é não se sentir culpado pelo que não foi lhe dado a opção de

escolha, bem como, sem a preocupação de corrigir defeitos ou erros, que na verdade não existem, mas que são impostos pela sociedade, para condenar os homossexuais, recuperando assim a dignidade que lhes foi tirada pelo preconceito. (TOURAINÉ, 2005)

Nesse sentido,

Quando gays sentem-se dignos e livres para estabelecer relacionamentos significativos com Deus, com as outras pessoas e com o mundo, então eles são capazes de se sentir dignos diante de Deus, pois ser imagem de Deus como integralmente humanos [...] é revelado como uma qualidade de relacionamento disponível para todos e não limita a dons especiais disponíveis somente a uma seleta classe de pessoas. A qualidade dessa relação é amor. (HAHN; AIMI, 2010, p. 58)

Para tanto, a ação de revelar-se não é manifestar a diferença com exibicionismo, nem mesmo com agressão, mas incide numa precisão que os homossexuais possuem de serem verdadeiros consigo mesmo e honestos em suas analogias interpessoais. Contudo, este ato pode trazer consigo a rejeição de quem sabe estar vivendo uma vida não condizente com os padrões socialmente construídos. (HAHN; AIMI, 2010)

Os homossexuais buscam também um sentimento de aceitação nos lugares e grupos em que vivem, mesmo que suas experiências sejam rejeitadas por razões heterossexistas e homofóbica. Os espaços destinados ao autoconhecimento, a relação com pessoas que compartilham as mesmas experiências e situação são localizados fora do centro de circulação que proporcionam o indivíduo a encontrar uma autoafirmação e produzir sua identidade e afirmá-la contra os efeitos destruidores da homofobia. Faz-se surgir uma nova cultura, um novo comportamento e principalmente novos direitos e valores. (HAHN; AIMI, 2010)

As comunidades homossexuais não têm nenhuma pretensão de separatismo em relação aos heterossexuais, muito pelo contrário, a grande pretensão é assumir uma postura que lhes é digna, trazendo por meio de uma cultura a concepção de que não há necessidade de abandonar a Deus, nem mesmo a vivência religiosa. Por este motivo a criação de novas igrejas, cujas características são distintas das demais, não em sua estrutura, mas em particularidades, respeitando diferenças, lutando contra estruturas opressoras e em busca de justiça. (HAHN; AIMI, 2010)

A construção desses novos modos de pensar, não são norteados pelos mesmos valores éticos utilizados por uma ética heterossexistas receosa de qualquer expressão de sexualidade, aonde não se entende o sexo como um feitiço de cunhar e expressar amor nos relacionamentos. É, assim, um novo modelo de ser humano, homens e mulheres que não têm medo de entregar-se a intimidade e de assumir o que realmente são, encontrando diferentes formas de relacionar-se com outras pessoas, com Deus e com o mundo, mostrando a reaproximação de gays e lésbicas com Deus e a Bíblia ao desconstruir a relação excludente entre está e a homossexualidade. (HAHN; AIMI, 2010)

5 CONCLUSÃO

Enfatizou-se no decorrer deste estudo que para refletir sobre a questão da homossexualidade é necessário entender inicialmente que a sexualidade não é nenhuma opção onde se escolhe sentir-se atraído por alguém do mesmo sexo, assim como não se escolhe a cor da pele, do cabelo, nem mesmo dos olhos. Destacou-se que não há como alguém acordar e dizer a si mesmo que a partir daquele momento escolhe gostar de uma pessoa do mesmo sexo, da mesma forma que ninguém quer sofrer preconceitos, ser ridicularizado ou ser motivo de chacota perante a sociedade.

A pesquisa demonstrou que a homofobia é tão remota quanto a própria sociedade e que por isso tem sua origem na cultura que difundiu inúmeros conceitos negativos sobre a homossexualidade. Sua origem na cultura patriarcal, impôs um modelo de homem e de mulher que por sua vez foram provocando e justificando as relações homofóbicas e, apontou-se, também, que essa repugnância em relação aos homossexuais pode ser resultante da equivalência heterossexual, ou seja, do medo de que esta seja absorvida e que todos sejam iguais, não mais existindo a hierarquia da ordem heterossexual que culturalmente foi considerada fundamental.

O escopo deste artigo foi demonstrar, principalmente, que os equívocos na interpretação dos textos bíblicos podem acarretar a propagação preconceituosa de atitudes homofóbicas. A utilização de dizeres bíblicos para condenar os homossexuais, fazendo referência que Deus abomina quem é diferente, que Deus não aceita, simplesmente porque a relação é construída entre dois iguais que não reproduzem é flagrantemente errônea. Evidenciou-se que questões como estas resultam da falta de conhecimento e informação,

pois ao contrário do que se pensa, Deus jamais abominou alguém, nem mesmo o mais cruel dos assassinos da história humana.

Contatou-se com as pesquisas que a Bíblia não faz referência expressa a homossexualidade, mas apenas ao ato sexual que em cada texto tem um conceito diferente. Portanto, não há como se utilizar da Bíblia para condenar homossexuais e por isso é preciso desconstruir teorias tidas como verdade e que constituem alicerce para a continuidade da discriminação.

Conclui-se, assim, que o respeito ao próximo deve existir e este, está expresso na Bíblia ao referir que jamais devemos julgar o outro, amando ao próximo como a nós mesmos, além de Deus abominar a falta de respeito, o preconceito e a intolerância.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação**. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2013.
- GRECCO, Fernando Rodrigues. **Condição ou opção? Homossexualidade**. São Paulo. 2017. Disponível em: <<http://www.psiqualidade.com.br/2017/05/22/430/>>. Acesso em: 08 jun. 2017.
- HAHN, Noli Bernardo; AIMI, Volimar. A Bíblia, a Homossexualidade e o Direito. In: BERTASO, João Martins (org.). **Cidadania e interculturalidade**. Santo Ângelo: EDIURI, 2010. p. 45-60.
- HELMINIAK, Daniel. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Summus, 1998.
- LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Editora UnB, 2009.
- MOTT, Luís. **Homo-afetividade e direitos humanos**. Santa Catarina. 2006. 509 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2017.
- NUCCI, Marina Fisher; RUSSO, Jane Araújo. **O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade no Archives of Sexual Behavior**. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n1/v19n1a07.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, Isaias Batista de; MAIO, Eliane Rose *apud* BRASIL. Concelho nacional de Combate a Discriminação. **Opção ou orientação sexual: onde reside a homossexualidade?** Paraná. 2013. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/diversidade_sexual/3-02.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

OLIVETO, Paloma. **Trabalho que vincula homossexualidade à genética é discutido por cientistas.** Brasília. 2015. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-saude/2015/10/14/interna_ciencia_saude,502377/trabalho-que-vinculahomossexualidade-a-genetica-e-discutido-por-cientistas.shtml>. Acesso em: 08 jun. 2017.

PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. **A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais.** Portugal, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v20n1/v20n1a10.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero.** São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.comfor.unifesp.br/wpcontent/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/mod3/Semana3_Mod3_GDE.pdf. Acesso em: 12 jun. 2017.

SOARES, Claudemiro. **Homossexualidade masculina: escolha ou destino?** Brasília: Editora Thesaurus, 2008.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje.** Petrópolis: Editora Vozes, 2005.